

Deponente: Oswaldo Augusto Rezende Júnior

CELINA: Maria Celina Pinto Albano

Data: 18 de novembro de 2015.

CELINA: Tem por exemplo, pode ser que vai muito, muita gente, é o irmão do Frei Betto. O Breno. Ele mora abaixo assim da minha casa. É, a gente é muito amigo.

FREI OSWALDO: Eu já estive.

CELINA: Todo mundo assim conhece Frei Betto já passou pela casa do Breno.

FREI OSWALDO: Vamos lá?

CELINA: Vamos. Posso falar? Entrevista com o Frei Oswaldo da Ordem dos Dominicanos, no dia 18 de novembro de 2015. Frei Oswaldo, como a gente veio conversando no carro, o que eu gostaria mesmo do depoimento do senhor, eu sei que o senhor tem um conhecimento incrível de vários aspectos da igreja no Brasil, mas, o meu trabalho é focado em Minas Gerais. Então eu queria que o senhor começar dizendo quando que o senhor veio pra cá. Já estava na ordem dos Dominicanos, o período que o senhor passou aqui, o que mais basicamente, qual foi assim o papel de importância que os Dominicanos representaram na igreja progressista brasileira, especialmente em Minas Gerais. Aí quando o senhor for falar, talvez eu interrompa. Mas eu prefiro que seja um depoimento assim mais do senhor.

FREI OSWALDO: É, para falar a verdade eu estive pouco aqui em Belo Horizonte, né? Em Minas. Mas eu estive no momento que era um momento muito importante para a história do Brasil. Ainda que tivesse sido também importante para a minha história pessoal.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: É, foi em 65, quando eu vim para cá para fazer um noviciado. O noviciado era lá no bairro da Serra, na rua do Ouro com aquela ruazinha que hoje é a rua dos Dominicanos e a cidade terminava ali. É, e era um noviciado composto por jovens que na sua grande maioria eram militantes. Estava o Beto, Frei Betto, o Frei Ivo. Tinha o Frei Luiz Felipe Ratom Mascarenhas.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: E nós, eu e (trecho incompreensível) que vínhamos, fizemos a nossa primeira experiência de militância na JEC. E é... Portanto nós tínhamos participado do nascimento daquilo que hoje já está se chamando a esquerda católica do Brasil. Que não existia, para dizer a verdade, não existia. A ação católica brasileira ela começa, eu não

digo, era bem de direita! Era bem de direita. Grande, nosso grande amigo, uma pessoa queridíssima, o Doutor Alceu por exemplo era mais adepto dos regimes fortes, né? De direita do que de qualquer ideia, pavor do comunismo, paralisava tudo. É... Tivemos homens depois que foram de, que pertenceram, o Santiago Dantas.

CELINA: Ah sim.

FREI OSWALDO: Você pode dizer que ele era um católico praticante, mas, ele assimilou bem a doutrina social da igreja. O círculo de amigos de relações dele eram todos católicos.

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: E Santiago Dantas não morreu fascista, né?

CELINA: De jeito nenhum.

FREI OSWALDO: Pelo contrário, eles deram uma guinada forte. Mas é o surgimento dessa esquerda católica, aparece com a ação católica especializada, a JAC, Juventude Agrária, juventude. Tinha independente aqueles que não eram.

CELINA: Jic.

FREI OSWALDO: Os que não pertenciam às outras.

CELINA: É.

FREI OSWALDO: A JEC que era juventude estudantil, estudantis, os estudantes secundaristas, a JUC, mas enfim. O fato é que foi com isso aí que foi se delineando uma esquerda no Brasil. O papel dos Dominicanos foi importante porque primeiro, a origem da Ordem dos Dominicanos aqui no Brasil estava na França. Então franceses que vieram pra cá. Eles estudaram na França de forma que havia uma grande influência, e quando começaram aparecer Dominicanos brasileiros, a maioria vinha de Universidade, eram estudantes universitários.

CELINA: Ah sim. Certo.

FREI OSWALDO: Para não citar aqui um exemplo, podia citar vários, Frei Rosário.

CELINA: Ah, sim, nossa, adora o Frei Rosário.

FREI OSWALDO: O Frei Rosário vem da Universidade. Frei Romeu Daily, estava fazendo advocacia. E esse pessoal que vinha para a ordem. O que quer dizer que com a Universidade naquela época era um lugar de elite, hoje democratizou bastante, mudou muito. Eram jovens que vinham de uma certa categoria...

CELINA: Da elite.

FREI OSWALDO: ...social, cultural mais, um pouco mais elevada.

CELINA: Com certeza.

FREI OSWALDO: É, e que portanto tinha interesse cultural, intelectual muito forte e essa preparação dominicana fazia com que os nossos conventos, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, como em Belo Horizonte, eram conventos que eram frequentados muito pelos intelectuais, pelas pessoas que trabalhavam na cultura. As pessoas que trabalhavam mais politizadas. E o que criava uma ligação muito forte com esses grupos, né? Ou setores. O que explica também a própria evolução posterior da ordem.

CELINA: Ah, sim.

FREI OSWALDO: É curioso, porque há uma interação.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: A ordem vai conseguir trazer para si estas pessoas mais abertas, um pouco para a realidade brasileira, mas, ela vai influenciar eles, mas, eles também vão influenciar a ordem.

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: Quer dizer que vão acabar dando a sua fisionomia, né? Quer dizer que nos anos 60, aí já estava bem clara a situação dos dominicanos.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: Em Minas Gerais, nós não tínhamos, inclusive aqui não tínhamos paróquia. Então quer dizer que os frades todos estavam ocupados com coisas especializadas né?

CELINA: Vocês não celebravam missa?

FREI OSWALDO: Não, celebrava.

CELINA: Celebrava.

FREI OSWALDO: No convento.

CELINA: Ah, no convento?

FREI OSWALDO: Mas nós não tínhamos obrigação vamos dizer, de paróquia.

CELINA: Paróquia.

FREI OSWALDO: É... O que quer dizer que os frade trabalhavam no setor de comunicação social. O Frei Martinho.

CELINA: Ah, Frei Martinho Burnier. Era muito famoso.

FREI OSWALDO: Burnier. No primeiro programa.

CELINA: Da televisão.

FREI OSWALDO: Da televisão, era jornalista.

CELINA: Justo.

FREI OSWALDO: Teve o Frei Mateus Rocha.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: Depois o ex, então Frei Francisco de Araújo na JEC.

CELINA: Ah, o Frei Chico.

FREI OSWALDO: Frei Chico.

CELINA: Isso mesmo.

FREI OSWALDO: O Frei Francisco, nós tínhamos também o setor social. Era muito importante, havia um trabalho, né? Sobretudo, no meio dos estudantes, no meio cultural e no meio social digamos assim. Inclusive nos meios de comunicação. O que deu uma fisionomia muito própria ao movimento.

CELINA: Qual que é essa fisionomia?

FREI OSWALDO: Essa fisionomia era uma fisionomia de pessoas que eram bastante abertas né? E preocupadas com os problemas nacionais.

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: A nossa juventude era bastante politizada. Aos 14 anos, uma pessoa que, um jovem de classe média, já era politizado. Ele já tinha as suas opções políticas.

CELINA: Verdade.

FREI OSWALDO: O que de uma certa maneira nem era muito normal, porque 14 anos ainda está pensando em outras coisas. O que faz com que esse contato (trecho incompreensível), leva também interrogação à ordem. Em São Paulo o Frei Carlos Josafá vai também empreender depois da encíclica do Papa João XXIII, Mater et Magister, que se tornou quase que um manual de esquerda. Esquerda no Brasil. Ele vai lançar o Jornal Brasil Urgente. O jornal Brasil Urgente que vai ser tentativa do primeiro jornal independente de meios financeiros. E claramente à esquerda.

CELINA: Me lembro.

FREI OSWALDO: Por outro lado, Brasília estava sendo construída. Estava lá o Darcy Ribeiro criando a Universidade.

CELINA: É, a UNB.

FREI OSWALDO: Ele foi nomeado Chefe da Casa Civil da Presidência da República de João Goulart. Quem é que convidam para ser reitor no lugar dele? O Frei Mateus Rocha, dominicano.

CELINA: Ah, é verdade.

FREI OSWALDO: E por outro lado, veja você, você também tinha uma ideia do que era a ordem.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: Por outro lado, não apenas convida para ser o reitor, mas insiste que haja dentro da Universidade uma faculdade de teologia dos dominicanos. O Niemeyer se prontificou e fez o projeto desse convento. Ele falou, eu já fiz catedral, estou fazendo catedral, já fiz palácio. Me falta um convento, que maravilha. Nem cobrou nada. E apresentou o projeto, que era um projeto lindo.

CELINA: Imagino.

FREI OSWALDO: Começou a ser construído evidentemente parou com o golpe.

CELINA: Foi interrompido.

FREI OSWALDO: Foi interrompido com o golpe, nos dando à ordem um grande prejuízo. É, então você veja, o setor universitário, agora o setor da comunicação social, da imprensa, a luta pela justiça social, tudo isso dava uma configuração dos Dominicanos bastante, você citou o livro do Frei Betto, a passagem no qual ele diz em que um amigo do pai dele falou assim: “Por quê que ele entrou para os Dominicanos?”

CELINA: Manda eles pros Salesianos.

FREI OSWALDO: Entrava para os salesianos. Mas teve um amigo da minha família que disse a mesma coisa. Só que não eram os Salesianos. Mas que coisa, agora todo mundo vai para os Dominicanos? Por quê que ele não entrou nos Beneditinos?

CELINA: É mesmo, noh aí...

FREI OSWALDO: Então dava essa impressão de que a ordem estava atraindo.

CELINA: A juventude.

FREI OSWALDO: A juventude e uma juventude militante.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: O que aliás correspondia à verdade.

CELINA: É.

FREI OSWALDO: Bom...

CELINA: E como as outras ordens viam os Dominicanos?

FREI OSWALDO: As nossas relações eram boas, né? E aí pouco a pouco, o que se foi se observando é que a divisão não passava mais entre as ordens.

CELINA: Ah sim.

FREI OSWALDO: Mas dentro delas.

CELINA: Ah, perfeito.

FREI OSWALDO: Você havia, sem querer citar casos particulares.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: É, ordens em que havia religiosos que estava muito mais na linha próxima da dos Dominicanos.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: Que pensava como a gente e também outros que pensavam diferentemente.

CELINA: Diferente, né? Mas isso que pensavam diferentemente não se aproximavam dos movimentos reacionários, católicos?

FREI OSWALDO: Não necessariamente.

CELINA: Opus dei, outros, tradicional família?

FREI OSWALDO: Não.

CELINA: Tradição, família, propriedade.

FREI OSWALDO: Havia sim, havia.

CELINA: É?

FREI OSWALDO: Havia. Em São Paulo havia. Eu me lembro disso porque o pessoal chamava o Grupo da Boa Morte. Que era, havia uma associação de uma capela, que era um grupo da boa morte, uma coisa assim. E eles se reuniam lá. E faziam oposição ao Cardeal Dom Carlos Carmelo Mota.

CELINA: Foi, era meu primo, do meu avô.

FREI OSWALDO: Era seu primo?

CELINA: Primo irmão do meu avô, conheci ele muito.

FREI OSWALDO: E ele era muito amigo, e ele era amigo pessoal do Jango.

CELINA: É.

FREI OSWALDO: Tinha simpatia por ele.

CELINA: Juscelino.

FREI OSWALDO: E ele que assinou o Manifesto da CNBB apoiando as reformas lá de base.

CELINA: É, eu lembro.

FREI OSWALDO: Quando houve o golpe ele se retirou.

CELINA: Justo.

FREI OSWALDO: Se retirou para Aparecida.

CELINA: Para Aparecida.

FREI OSWALDO: É, e a CNBB tomou uma direção totalmente diferente. Então.

CELINA: Esse trabalho dos Dominicanos.

FREI OSWALDO: Era bastante marcado.

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: É, eu me lembro de ter encontrado um monsenhor uma vez que me disse: “O Frei Carlos Josaphat tinha escrito um livro, *Evangelho e Revolução Social*”. Ele falou assim: “Olha, eu li o livro umas 10 vezes à procura de um erro de doutrina”.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: “Não tem”. Que pena, né? Falei para ele. É, porque por outro lado, não se podia dizer que os Dominicanos estavam inventando alguma coisa.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: O concílio que começou imediatamente e que estava acontecendo, né? Estava mais ou menos nessa linha e a igreja brasileira estava aquém do concílio, né? Isso é muito importante saber porque... E era uma igreja majoritária. Quando os nossos bispos chegaram lá, o governo colocou à disposição um avião.

CELINA: Ah, para levar os bispos para Roma?

FREI OSWALDO: É. O avião da Boa Esperança, chamado. Porque se o avião caísse, o povo era maldoso, dizia: “É esperança de toda uma nova geração de padres né?”

CELINA: Ah sim, que eram todos conservadores.

FREI OSWALDO: Então eles chegaram como bispos nosso, eles chegaram em Roma, eles perceberam que estavam completamente por fora. Dom Hélder conta isso no Diário do Dominicano com garfo, grandes artífices do pensamento do concílio, que encontra por acaso Dom Helder e Dom Helder pede para ele: “O senhor não podia dar um auxílio, uma mãozinha porque os nossos bispos estão perplexos diante das coisas do concílio, não sabem e não são chamados em todos os lados”. Claro, porque os conservadores queria se apoiar.

CELINA: Justo.

FREI OSWALDO: No episcopado brasileiro que era muito numeroso.

CELINA: Justo.

FREI OSWALDO: Era um dos maiores do mundo. E o Congarra falava assim: “Eu não posso me ocupar. Eu sou membro da comissão teológica, eu tenho muita coisa. Mas nós podemos fazer. Vamos organizar uma série de palestras com grandes, bons teólogos”.

CELINA: Sei.

FREI OSWALDO: Os bispos brasileiros de maneira e foi organizado. Estou fazendo um parênteses aqui para mostrar como é que era a nossa igreja. E aí o Congar junto com Dom Helder arma isso. é curioso porque saímos longe do Diário do Congar e saiu também as cartas.

CELINA: De Dom Helder.

FREI OSWALDO: E os dois, um na carta, outro no diário falam no encontro. E um elogia o outro.

CELINA: Olha que.

FREI OSWALDO: Já encontrei o maior teólogo, que coisa maravilhosa e o Dom, e o Frei Congar escrevendo no seu diário, que homem de visão, que coisa magnífica, se todos os bispos fossem assim. Bom, e aí houve uma série de palestras para o episcopado brasileiro. A primeira palestra foi do Congar.

CELINA: Sim, lá em Roma.

FREI OSWALDO: Por uma igreja, por uma igreja servidora e pobre.

CELINA: Olha! Que... Nossa, é.

FREI OSWALDO: Igreja dos pobres. Que o Papa Francisco retomou agora.

CELINA: Justo. Isso é verdade.

FREI OSWALDO: E o nosso bispo disse assim, a tal ponto que na primeira vez que foi pronunciada a palavra pobre no concílio, foi o bispo, foi um bispo brasileiro.

CELINA: É mesmo?

FREI OSWALDO: E por incrível que pareça, foi escolhido um cardeal e o mais... para em nome dos bispos brasileiros chamar atenção para os pobres.

CELINA: Quem?

FREI OSWALDO: Acredite se quiser, o escolhido foi Dom Jaime de Barros Câmara.

CELINA: Não acredito.

FREI OSWALDO: Coitado, que teve que se dar a esse papel que nós sabemos que a posição dele não era essa.

CELINA: (trecho incompreensível).

FREI OSWALDO: Não era bem uma posição digamos assim de abertura. Contrariamente a Dom Carlos Mota ele foi em frente na manifestação da Marcha com Deus e a Família pela Liberdade.

CELINA: É, justo.

FREI OSWALDO: Dom Carlos se recusou a ir.

CELINA: É...

FREI OSWALDO: “Ah é pra combater o comunismo”, pessoas foram procurá-lo. “É para combater o comunismo, o senhor tem que ajudar. Coisa e tal”. Aí ele falou: “Oh, só tem uma boa maneira de combater o comunismo. É cumprir aquele mandamento da Lei de Deus que diz não roubar”.

CELINA: Olha. O quê que é isso.

FREI OSWALDO: É...

CELINA: Agora...

FREI OSWALDO: Para não me perder...

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: Estou tentando dizer que a igreja brasileira, ela estava numa fase de transição, passando por uma certa perplexidade, né? E dividida, né?

CELINA: Agora, as Ordens tinham muita independência? Elas da hierarquia maior da igreja? Não havia um controle sobre?

FREI OSWALDO: Não. Eles não podiam. O que acontecia dentro do convento, lhes escapava, né?

CELINA: Ah, certo.

FREI OSWALDO: Dom Carlos dava todo o apoio, né? Aqui em Belo Horizonte não se pode dizer que a Ordem dos Dominicanos tenha sido maltratada. Pelo contrário, o Dom Serafim quando foi nomeado Bispo, ele fez o retiro.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: De preparação para sua sagração episcopal no convento dos Dominicanos.

CELINA: Ah certo. Dom Serafim não vinha de ordem não né?

FREI OSWALDO: Não. Não.

CELINA: Como é que chama? Por que se chamam padres?

FREI OSWALDO: Diocesanos.

CELINA: Ah, padres diocesanos?

FREI OSWALDO: Diocesanos seculares.

CELINA: Seculares, padres seculares.

FREI OSWALDO: Diocesanos. Da diocese.

CELINA: Da diocese certo.

FREI OSWALDO: É, de Belo Horizonte.

CELINA: Sei.

FREI OSWALDO: E eles não tem uma ordem religiosa. Eu estou aqui hoje, amanhã eu posso estar na China né?

CELINA: É.

FREI OSWALDO: Eles estão ligados a uma diocese.

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: Eu vou ter que interromper.

CELINA: Por quê?

FREI OSWALDO: Lamento. Eu preciso ir a uma unidade sanitária.

CELINA: Ah perfeito, pode, com certeza.

FREI OSWALDO: Aí eu posso andar com isso né?

CELINA: Pode. Ah não sei. Aqui tem ó. Aqui.

FREI OSWALDO: Tem?

CELINA: Tem aqui dentro. Pode, pode andar. Só vou voltar um pouco, o senhor chamou atenção que eu achei importante. O senhor acha então que os Dominicanos por serem uma Ordem que tinha origem na França, eles tinham um conjunto de ideias que eram bem próximo ao que a gente entendia na época da França. A França, um país voltado para a liberdade. Mais socialista.

FREI OSWALDO: E a França onde a Ordem na França, é preciso lembrar que ela foi restaurada a Ordem por La Cordaire, né? La Cordaire que o pensamento principal era de que havia um mal entendido entre a igreja e a modernidade nos ideários da Revolução Francesa. Ele sustentava que as ideias de por voltar liberdade, igualdade, fraternidade só foram possíveis por causa do evangelho. Eram ideias evangélicas.

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: Tanto que a democracia era uma ideia evangélica que a igreja tinha uma certa dificuldade de aceitar.

CELINA: Com certeza.

FREI OSWALDO: É, La Cordaire com La Menaire, o grupo deles foram condenados em 1830 pelo Papa.

CELINA: Qual Papa?

FREI OSWALDO: Pelo Papa Gregório XVI.

CELINA: Ah, sei.

FREI OSWALDO: Foram condenados, foi a primeira encíclica depois de uma enxurrada, houve uma enxurrada de encíclicas depois, 1830.

CELINA: Eles foram expulsos?

FREI OSWALDO: É, não. Não, eles foram condenados.

CELINA: À morte?

FREI OSWALDO: Não, condenados na igreja.

CELINA: Ah, da igreja, pois é.

FREI OSWALDO: As ideias deles foram condenadas pelo Papa como...

CELINA: Herege.

FREI OSWALDO: ...não sendo como é que se diz, ortodoxos.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: Porque defendiam a liberdade de imprensa.

CELINA: Ah...

FREI OSWALDO: Olha que absurdo.

CELINA: Que loucura.

FREI OSWALDO: Quando a gente leu esses documentos de 1830, a gente percebe, quer dizer que havia uma crise muito forte, que fazia com que praticamente a igreja estava... estava na reação à Revolução Francesa. Imagina como vai depois aparecer a Revolução Comunista?

CELINA: Sim. Aí voltando aqui.

FREI OSWALDO: Agora, então o La Cordaire era nessa perspectiva.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: Era de diálogo com a modernidade. Isso deu à Ordem dos Dominicanos na França características muito próprias, quer dizer de uma Ordem em movimento, sempre atuante.

CELINA: Atuante, sempre na frente.

FREI OSWALDO: Na linha de frente, né? Uma ordem que foi contra a greve da Espanha, né? Nas suas revistas, suas publicações. Contra, a favor dos republicanos.

CELINA: Dos republicanos, contra os fascistas.

FREI OSWALDO: Então é, para você ter uma ideia, quer dizer, é dos Dominicanos que vai sair os padres operários.

CELINA: Ah sim, isso que eu ia perguntar.

FREI OSWALDO: É, ainda dos Dominicanos que vai sair economia, humanismo com o Padre Lebret.

CELINA: Ah, o Lebret, sim.

FREI OSWALDO: Né? Que teve uma grande influência no Brasil.

CELINA: Aqui no Brasil. Sem dúvida. Eu li os textos dele.

FREI OSWALDO: Eles fizeram estudos, instalou equipes aqui e teve uma influência e chegou a fazer um planejamento da cidade de São Paulo, que perdeu aliás, para evitar que São Paulo se transformasse no que ela está hoje. E isso formou gerações de?

CELINA: De Dominicanos?

FREI OSWALDO: Não, de leigos.

CELINA: Ah, de leigos.

FREI OSWALDO: Que trabalharam com ele.

CELINA: Ligados.

FREI OSWALDO: Mas tudo isso fazia com que a ordem estivesse, as posições da ordem eram conhecidas e havia uma grande homogeneidade na maneira de pensar entre os Dominicanos.

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: O que era extraordinário na época.

CELINA: É difícil, né?

FREI OSWALDO: O que não quer dizer que todos.

CELINA: Pensassem.

FREI OSWALDO: Tinham, pensassem na hora de fazer, como fazer, aí já havia uma grande liberdade dentro da ordem. Mas...

CELINA: E as ideias marxistas?

FREI OSWALDO: ...havia coisas que eram indiscutíveis entre nós, que todos nós, por exemplo, quando houve o golpe de estado.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: Eu não conheço um Dominicano que fosse a favor, né? É.

CELINA: Já os Salesianos e tal?

FREI OSWALDO: E fomos as primeiras vítimas, né?

CELINA: Assim como?

FREI OSWALDO: As primeiras vítimas mas, por exemplo, perdendo a Universidade de Brasília. O Frei Carlos felizmente estava na europa, senão seria preso. O Jornal Brasil Urgente.

CELINA: Fechou.

FREI OSWALDO: O último número do jornal, foi anunciando o golpe.

CELINA: Meu Deus.

FREI OSWALDO: O golpe está preparado. No dia que o jornal saiu, vai sair o golpe.

CELINA: Já estava.

FREI OSWALDO: Acabou a revista. Acabou o jornal. É, nós tínhamos uma editora que acabamos com o final do tempo, com a ditadura, perdendo. Então, todos nossos instrumentos de trabalho praticamente foram perdidos durante a época da ditadura.

CELINA: Financeiramente isso era?

FREI OSWALDO: Financeiramente.

CELINA: Davam problemas sérios para os Dominicanos?

FREI OSWALDO: Claro. Grandes problemas, nós perdemos em todos os sentidos, né?

CELINA: E vidas.

FREI OSWALDO: Inclusive pessoas que evitavam.

CELINA: Ah sim.

FREI OSWALDO: Né? Na medida em que a ditadura foi se radicalizando e se tornando mais violenta.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: Porque há o processo dentro do regime militar, que vai fazer, que ele vai se tornar cada vez mais repressivo e violento.

CELINA: Cruel.

FREI OSWALDO: Na medida em que ele vai se tornando e os Dominicanos vão sofrendo cada vez mais. É, o resultado é que muita gente, mesmo até quem tinha boas posições, passaram a evitar um pouco.

CELINA: Mesmo quem?

FREI OSWALDO: Mesmo pessoas que tinha posições boas.

CELINA: Ah, que tinha boas posições evitavam é.

FREI OSWALDO: Passaram a evitar um pouco porque.

CELINA: Era perigoso, ser amigo.

FREI OSWALDO: Era ser assinalado né?

CELINA: Marcado.

FREI OSWALDO: Marcado. É, por exemplo imagina os outros.

CELINA: Imagino.

FREI OSWALDO: Então quando eu cheguei...

CELINA: E o apoio das outras ordens e da Cúria não acontecia assim de uma forma?

FREI OSWALDO: Ah não. Eles só não, logo depois houve uma coisa que são posteriores, que aconteceu em São Paulo. A prisão dos frades.

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: A ligação, a ligação dos frades com movimentos daquele grupo, dos guerrilheiros.

CELINA: Guerrilheiros. É do Marighella por exemplo.

FREI OSWALDO: Com o Carlos Marighella. Tudo isso...

CELINA: Então os Dominicanos avançaram bem?

FREI OSWALDO: Sim.

CELINA: Enfrentaram bem a repressão.

FREI OSWALDO: Na medida mesmo em que o conjunto daqueles que eram os nossos amigos.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: Os estudantes, os meios intelectuais. Aqueles meios que nós trabalhávamos.

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: Que eles iam respondendo à evolução da ditadura. É, por atitudes cada vez mais firmes. Nós não poderíamos deixar de segui-los.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: Estar com eles.

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: Seria um absurdo. “Ah não, não. Uma coisa é você falar de justiça social, democracia, coisa. Mas chegar a esse ponto, não. Aí nós não vamos mais”. Nós não íamos fazer isso.

CELINA: Vocês não tinham volta?

FREI OSWALDO: Hã?

CELINA: Vocês não tinham volta?

FREI OSWALDO: E aliás é um grande equívoco, pensar como se defende, alguns defendem por exemplo, o Coronel Jarbas Passarinho, né? Até pouco escrevia no jornal, que o Ato Institucional nº 05, que acabou de vez.

CELINA: Com a liberdade.

FREI OSWALDO: Com o sonho de liberdade, de direito aqui no Brasil, foi uma resposta à luta armada. O que é uma grande mentira. Não havia organizada ainda, pelo menos não aparecia nada, nenhum movimento armado.

CELINA: É, foi depois do AI 05.

FREI OSWALDO: Foi com o AI 05 que aí não tem mais saída.

CELINA: É, aí não tinha volta.

FREI OSWALDO: É que se fortaleceu essa corrente.

CELINA: É.

FREI OSWALDO: Eles estavam preocupados é com a derrota. E aí sobre Minas Gerais é uma coisa curiosa né? Porque isso mostra que a radicalização da ditadura começou imediatamente. O golpe partiu de Minas.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: Nós sabemos que a sociedade mineira é bastante tradicionalista.

CELINA: Conservadora.

FREI OSWALDO: O que não queria dizer que não havia setores de esquerda, a política mineira de esquerda.

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: Aqui e... mas predominava um certo ideário dos melhores, liberal.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: Mas liberal no sentido brasileiro da expressão que queria dizer liberalismo, queria dizer a favor da democracia, dos direitos.

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: Não se pode dizer por exemplo, veja, poder, a evolução dessas pessoas que o Milton Campos fosse um fascista. Era da UDN.

CELINA: Justo.

FREI OSWALDO: Mas não era um fascizante. Era uma pessoa de princípios democráticos e que no entanto apoiara o golpe.

CELINA: É, justo.

FREI OSWALDO: Porque o contexto da época né? Fortemente anticomunista, fazia com que o mundo se dividisse em 2 blocos e evidentemente no Brasil acabou-se dividindo em 2 blocos.

CELINA: Agora só uma...

FREI OSWALDO: Como se o partido comunista tivesse condições de assumir o poder aqui.

CELINA: É verdade. E as igrejas metodistas, elas apoiavam essa ala progressista?

FREI OSWALDO: Elas tinham contato. Havia pastores e isso é um período, uma coisa que não foi muito estudada.

CELINA: É?

FREI OSWALDO: Havia pastores sim, metodistas e de outras confissões, que inclusive o Schall, me lembro, eles se reuniam lá em São Paulo nos Dominicanos para estudar a Bíblia juntos.

CELINA: Olha, mas que bom.

FREI OSWALDO: E eles também sofreram. Eles sofreram dos dois lados.

CELINA: É, como que esse grupo chama, quem é que o senhor está falando? É grupo?

FREI OSWALDO: Dos pastores.

CELINA: Dos pastores.

FREI OSWALDO: Protestantes.

CELINA: Ah, os pastores metodistas, anglicanos.

FREI OSWALDO: Metodistas.

CELINA: Batistas.

FREI OSWALDO: Eu não estou lembrado muito bem.

CELINA: É, sei.

FREI OSWALDO: Tinha várias denominações.

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: Mas eu acho que os metodistas, eram os metodistas, os presbiterianos.

CELINA: Presbiterianos também. É, sim.

FREI OSWALDO: Eles, houve também da parte de alguns, posições.

CELINA: Fortes.

FREI OSWALDO: Muito fortes, né? E eles acabaram sofrendo dos dois lados. Isto é, da parte da repressão e dentro da igreja também.

CELINA: Agora, voltando aqui ao senhor, quando o senhor estava aqui em Belo Horizonte, o convento dos Dominicanos alguma vez foi invadido, cercado?

FREI OSWALDO: Pois é. É.

CELINA: Como é que eram as relações da repressão com os Dominicanos aqui por exemplo?

FREI OSWALDO: Eles eram mais discretos.

CELINA: No tempo que o senhor passou aqui?

FREI OSWALDO: Eram mais discretas do que seriam, se tornariam depois né? Em 65 quando eu estava aqui, esse pessoal todo né? Continuava frequentando o convento.

CELINA: Quem é esse pessoal todo?

FREI OSWALDO: Por exemplo, o Padre Lage.

CELINA: Ah sim.

FREI OSWALDO: Os estudantes da JUC.

CELINA: Ah, está certo. Perfeito.

FREI OSWALDO: Né? Que é preciso que se diga, quando houve o golpe de estado, a área católica né? A área católica era a mais exposta.

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: O Partido Comunista era um partido que já sabia como reagir a essas circunstâncias.

CELINA: Já tinha a vivência de clandestinidade.

FREI OSWALDO: Exatamente. E a ordem central deles foi o recuo, o chamado recuo estratégico. E a liderança sumiu. Agora os católicos ficaram. Eram mais expostos né?

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: O que fez que muita gente foi presa. E era uma época que você era preso por razões fúteis.

CELINA: Justo.

FREI OSWALDO: O famoso como é que chama, o Sérgio Porto escreveu aquele livro, Festival de Besteiras.

CELINA: Festival de Besteiras que Assola o País.

FREI OSWALDO: Que Assola o País.

CELINA: Isso.

FREI OSWALDO: Contando justamente relatos incríveis, relatos que deixam a gente assim e que fazia a gente sorrir. A nossa ditadura não era muito levada a sério, mesmo como ditadura por causa disso. Os militares que chegavam na casa, prendia o sujeito e queria saber quem é esse tal de Sócrates, né?

CELINA: Verdade. Mas o convento, o convento foi alvo assim de invasões para?

FREI OSWALDO: Uma vez enquanto eu estava lá, houve, chegou a Polícia Federal. Nós estávamos rezando, quando chega a polícia. Queriam vistoriar o convento porque Castello Branco, o primeiro ditador viria a Belo Horizonte em visita. E ele passaria necessariamente pela rua Do Ouro.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: Para ir ao Palácio das Mangabeiras que era a residência do governador e que seria a sua residência enquanto estivesse em Belo Horizonte. Então eles estavam ali, uma para fazer a segurança do Presidente da República. Eles vieram fazer uma visita ao convento. Nós ficamos indignados né? Uai, como se ficássemos de metralhadora, de fuzil na janela para matar o presidente da República. É, eles mesmos estavam envergonhados. Como reação a isso, nós colocamos na, porque o viciado é que dava para a rua Do Ouro né?

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: Os quartos.

CELINA: As janelas.

FREI OSWALDO: Os noviços e nós colocamos que faz parte da nossa indumentária né?

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: Tem o hábito branco mas tem uma capa, uma capa preta por cima.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: É que a gente usa pouco no Brasil, usava pouco por causa da temperatura aqui.

CELINA: Por causa do frio.

FREI OSWALDO: É, então nós colocamos na janela. Nós imaginamos então que o Presidente Castello Branco passou e viu aquilo tudo de preto, ele deve ter perguntado para Magalhães Pinto: “Mas o quê que é isso?”. E o Magalhães: “São os Dominicanos, presidente, né?”. É, mas depois se tornou cada vez mais é...

CELINA: Perigoso.

FREI OSWALDO: É preciso não se esquecer que um dos mais fortes movimentos de esquerda e contra a ditadura que foi se radicalizando cada vez mais, a ação popular.

CELINA: É, a AP.

FREI OSWALDO: Nasceu no convento.

CELINA: No convento? E a presença do, que eu sempre soube também que a AP tinha uma relação muito forte com o Padre Vaz. Que era jesuíta né?

FREI OSWALDO: Sim.

CELINA: Ele também participou dessa?

FREI OSWALDO: Sim. Ele era muito consultado né?

CELINA: Ah sim. Ah certo.

FREI OSWALDO: Ele era muito consultado. São dois nomes que marcaram muito essa geração. Um jesuíta, o Padre Vaz do ponto de vista intelectual.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: E o outro foi o Frei Carlos Josaphat né?

CELINA: É, os dois né? O senhor falou.

FREI OSWALDO: Mas o Frei Carlos Josaphat já tinha sido expulso antes. É.

CELINA: E a AP saiu então de dentro do convento?

FREI OSWALDO: De dentro do convento houve a primeira reunião né? A primeira reunião e tem ainda pessoas vivas que participaram da primeira reunião.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: Lamentavelmente um dos participantes que eu conheci, o José Alberto da Fonseca.

CELINA: Ah sei, José Alberto, maestro.

FREI OSWALDO: Faleceu.

CELINA: Faleceu há pouco tempo.

FREI OSWALDO: Há pouco tempo. Ele estava lá né? Foi um dos fundadores.

CELINA: Otávio Elísio, o senhor conheceu? Não.

FREI OSWALDO: Sim.

CELINA: Porque eles eram da AP, passaram para AP.

FREI OSWALDO: O documento base foi escrito lá no convento. Os frades não participavam.

CELINA: Ah não? Da AP não?

FREI OSWALDO: Não. Os frades...

CELINA: Vocês davam uma acolhida?

FREI OSWALDO: ...não devemos ter compromisso partidário.

CELINA: Certo. O espaço estava aberto.

FREI OSWALDO: Espaço estava aberto. O que não quer dizer que não podíamos.

CELINA: Os estudantes também escondiam lá? Quando estavam, porque conta a lenda assim, o convento dos Dominicanos acolhia aqueles estudantes perseguidos, que gente escondia da polícia e ia para os Dominicanos.

FREI OSWALDO: Nós ajudávamos a escondê-los.

CELINA: A escondê-los.

FREI OSWALDO: Mas esconder alguém dentro do convento, um convento que era vigiado constantemente pela polícia.

CELINA: Sim

FREI OSWALDO: Era complicado né?

CELINA: É.

FREI OSWALDO: Ninguém era bobo de procurar refúgio.

CELINA: De ir pra lá.

FREI OSWALDO: Dentro de um convento que de vez em quando era visitado pela polícia.

CELINA: Ah sei. Ah, tinha essas visitas? Eles faziam essas?

FREI OSWALDO: Eu contei uma né?

CELINA: É, justo, mas tiveram várias.

FREI OSWALDO: Depois elas se tornaram mais frequentes.

CELINA: Ah certo.

FREI OSWALDO: Na medida mesmo em que houve uma radicalização da ditadura, aumentou também a pressão né?

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: A pressão sobre os Dominicanos. É.

CELINA: O senhor foi interrogado, teve que ir ao DOPS?

FREI OSWALDO: Fui.

CELINA: Ah sim?

FREI OSWALDO: Mas em São Paulo.

CELINA: Não, aqui, não?

FREI OSWALDO: Aqui não. Em São Paulo nós fomos manifestar na frente do DOPS.

CELINA: Ah sim, claro. A respeito do episódio Marighella não?

FREI OSWALDO: Não. Manifestar por apreenderam, entraram dentro do convento e prenderam o Prior.

CELINA: Certo. Quando foi isso?

FREI OSWALDO: Em 66.

CELINA: 66 o senhor já estava em São Paulo?

FREI OSWALDO: Já estávamos, mas o Betto e eu.

CELINA: Ah sim.

FREI OSWALDO: E aí nós convocamos o ato e fomos pra frente do DOPS. Exigir explicações. Cadê o? Cadê o?

CELINA: O Prior?

FREI OSWALDO: Aí eu me levaram lá pra dentro.

CELINA: Ah certo.

FREI OSWALDO: E foi um diálogo completamente surrealista, mas enfim.

CELINA: Mas havia um tratamento especial para os religiosos?

FREI OSWALDO: Sim.

CELINA: Que eles evitavam?

FREI OSWALDO: Fomos tratados, fui levado imediatamente para o gabinete do diretor do DOPS.

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: Eu e um outro frade. Ele fez questão de nos mostrar, mostrou tudo. Dizendo o seguinte: "Ele não está aqui. Nós não o prendemos". Né? E houve um diálogo que saiu na imprensa, saiu publicado por toda a parte e houve uma ordem de Brasília,

né? Ordem de Brasília que eu recebi: “Vocês estão loucos? Solta imediatamente, né?”. É, e fomos outros. De fato não tinha sido o exército.

CELINA: Ah sim.

FREI OSWALDO: Que tinha ido lá e buscado ...

CELINA: O Prior?

FREI OSWALDO: O Frei Chico era o Prior.

CELINA: Ah, o Frei Chico? Ele que era?

FREI OSWALDO: Para que ele se explicasse sobre o movimento da paz que a gente tinha lançado. Mas podiam ter convidado por telefone. Não precisava ir, invadir o convento, prender ele e levar. Mas não foi o DOPS. Mas para você ver o ódio que esse pessoal tinha depois. Quando eles prenderam os Dominicanos e souberam das ligações.

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: Eles vão pensar, nós tivemos esse pessoal todo aqui. Esse **FREI OSWALDO** que agora está lá no exterior.

CELINA: Ah, porque vocês foram?

FREI OSWALDO: Estivemos aqui dentro, conversando com o diretor do DOPS.

CELINA: Você fugiu? Você fugiu ou?

FREI OSWALDO: Não. Não fugi, fui mandado pela ordem para os estudos.

CELINA: A ordem, é, certo. Era uma forma de afastar né?

FREI OSWALDO: Ela mandou, estávamos muito visados.

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: Ela mandou o Beto para o Rio Grande do Sul. E eu para a europa, né?

CELINA: E o Frei Tito?

FREI OSWALDO: Ah, o Frei Tito ficou aqui e foi preso.

CELINA: Ah, pois é.

FREI OSWALDO: Ah então era certo o perigo que vocês corriam.

CELINA: É, mas isso nos levaria muito longe e longe de Minas.

FREI OSWALDO: Claro, não, só que queria saber o seguinte.

CELINA: Não, mas.

FREI OSWALDO: Não mas são coisas interessantes que aconteciam, mas enfim. Assim, é, quando houve o golpe no dia do golpe, eu sei que o Frei Rosário desceu da Serra, furioso, procurando contatos e tal para resistir, para não deixar as coisas ficarem assim. E voltou desanimado. Voltou desanimado.

CELINA: Não achou apoio?

FREI OSWALDO: Não achou apoio. O que mostra que havia um apoio real.

CELINA: Ao golpe.

FREI OSWALDO: Ao golpe e que era um apoio da classe média, sem dúvida nenhuma.

CELINA: E da igreja também né?

FREI OSWALDO: Curiosamente um ano depois né? Já houve a primeira reação, com a eleição de Israel Pinheiro aqui, que causou um traumatismo. Começa aí os atos institucionais. Cada ato institucional é uma resposta a... uma situação política.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: Que ameaça o poder dos militares.

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: Eles perceberam que aquela articulação aqui em Minas Gerais, eles estavam perdendo terreno. E que o perigo não vinha do Partido Comunista. Era uma mentira. Ele vinha de forças conservadoras. Que tinham apoiado o golpe de estado. Mas não a ponto de entregar o poder totalmente aos militares.

CELINA: Justo.

FREI OSWALDO: Então a eleição de Israel Pinheiro aqui e de Negrão de Lima no Rio de Janeiro constituiu a primeira...

CELINA: Reação.

FREI OSWALDO: Advertência os militares de que digamos, o que se chama de classe política não estava disposta a engoli-los. Com, assim como o Ato Institucional nº 05 nos é uma resposta à luta armada, mas a articulação feita de Carlos Lacerda com Juscelino Kubstcheck, João Goulart, Partido Comunista e tudo para fazer uma frente ampla que derrotasse os militares.

CELINA: E a igreja apoiaria essa frente?

FREI OSWALDO: E eles foram, aí a igreja já estava mandando.

CELINA: Já estava na frente ampla?

FREI OSWALDO: Eu me lembro que eu encontrei.

CELINA: Oi, você já está aí? Então não precisa me esperar não. Não, uns 20 minutos no máximo. 15 a menos, que tá? Frei, vamos fechar porque o senhor está precisando de ir e eu também tenho um outro compromisso, infelizmente. Mas vamos fechar essa parte. A frente ampla tinha o apoio da igreja progressista?

FREI OSWALDO: Tinha, inclusive alguns frades, nós fomos procurados.

CELINA: Ah sim.

FREI OSWALDO: E essa primeira reação, quer dizer, foi uma reação, aqui de Minas e para mostrar, né?

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: Como é que era ambígua a situação e como de fato houve um mal-entendido. Um mal entendido que foi o seguinte.

CELINA: Que mal entendido.

FREI OSWALDO: Eles queriam derrubar o João Goulart.

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: E pôr ordem no país, os conservadores.

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: Mas que depois os senhores militares voltassem para os seus postos.

CELINA: Para os quartéis.

FREI OSWALDO: Para os seus quartéis e deixassem a política com eles. Ora, não aconteceu isso. E isso foi, eu estava aqui em Belo Horizonte, quando saiu a vitória de Israel Pinheiro e de Negrão de Lima, e imediatamente o Ato Institucional nº 02 acabando, fechando todos os partidos. E provocando uma eleição no ano seguinte.

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: Com dois partidos. E aí entra o oportunismo. Entra o oportunismo. É um fato, né? Que a base dos grandes partidos anterior dependia muito do governo central. O prefeito pensava duas vezes antes de aderir a alguma coisa.

CELINA: Com certeza.

FREI OSWALDO: Gostava muito de ficar ao lado do governador. Do, o resultado é que criando um partido governamental, a Arena e o PMDB na eleição de 1966 para legislativo, com esses dois partidos a Arena vai sair vitoriosa. Por causa do apoio.

CELINA: Com certeza.

FREI OSWALDO: Que vão encontrar nas lideranças locais, que a gente sabe como é que é. Ainda hoje esse problema existe.

CELINA: Existe, com certeza.

FREI OSWALDO: De outra forma.

CELINA: De outra forma. Agora...

FREI OSWALDO: Por incrível que pareça, hoje o partido que perdeu, naquela época é que tem essa maioria de municípios à sua disposição.

CELINA: Nas suas mãos, é verdade. PMDB.

FREI OSWALDO: O antigo MDB hoje PMDB.

CELINA: É verdade.

FREI OSWALDO: Mas essa situação, a situação do PMDB hoje era ocupada pela Arena.

CELINA: Arena.

FREI OSWALDO: Em Minas Gerais isso aparecia muito evidente.

CELINA: Sim. Sabe o que eu queria saber, porque a gente está com o tempo meio em cima, estou preocupado que o senhor tem uma reunião e eu também tenho é o seguinte, o senhor falou algo assim, como que o ato institucional nº 05 como é que ele foi também causando um efeito negativo na mobilização da igreja, das Ordens, como é que o convento Dominicano foi fechado, por quê que ele saiu da Serra.

FREI OSWALDO: Ah sim, aí porque exatamente, tudo isso na medida em que a repressão.

CELINA: Uma consequência?

FREI OSWALDO: Foi aumentando, as pessoas evitavam o convento. Os frades não eram livres de fazer o que eles queriam.

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: O bairro mudou também.

CELINA: É.

FREI OSWALDO: Aí nós preferimos, eles preferiram, porque eu não estava aqui. A ir para a periferia, lá pra longe.

CELINA: Ah perfeito.

FREI OSWALDO: E onde se fez um excelente, um magnífico trabalho, praticamente em toda aquela região, as paróquias que existem, as comunidades.

CELINA: Quais? Que região em Belo Horizonte assim, periferia?

FREI OSWALDO: Aquela região, Aarão Reis, Guarani.

CELINA: Ah sim, Tupi.

FREI OSWALDO: São Gabriel.

CELINA: São Gabriel.

FREI OSWALDO: 1º de maio.

CELINA: São Paulo.

FREI OSWALDO: É uma enorme região que depois nós deixamos a paróquia. Voltamos a não ter mais, não nos ocupamos mais disso. Nós nos ocupamos dos universitários. Mas isso teve incidência no nosso trabalho, teve incidência nas vocações. Durante muito tempo, nós fechamos o noviciado, não recebemos durante 10 anos, passamos sem receber ninguém. Por quê? Porque era quase que convidar o jovem a ser preso. É, de

forma que as consequências não foram muito boas para a Ordem né? Nós tivemos que mudar geograficamente, nos deslocar em Belo Horizonte.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: E por outro lado, isso mostra que a ditadura ela não era politicamente hegemônica.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: Porque senão não tinha necessidade de ato institucional.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: Os atos institucionais mostram que eles não teriam uma resposta positiva da parte da maioria da população.

CELINA: Ah é, justamente.

FREI OSWALDO: Era preciso a repressão. E mostra outra coisa também, a repressão mais violenta vai ser depois do ato institucional. Inclusive aqui em Minas Gerais. Ela foi violentíssima.

CELINA: Muito.

FREI OSWALDO: É, e essa violência é curiosamente, não tem muita explicação. Porque era para acabar com os terroristas, como eles diziam.

CELINA: É, subversivos.

FREI OSWALDO: Estavam todos presos, mortos. Era para acabar com o Partido Comunista, a direção estava liquidada. Era para acabar com o quê? Era para a preservação do aparelho repressivo.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: O meio de vida deles.

CELINA: Justo.

FREI OSWALDO: Né? E ao mesmo tempo para evitar que um processo radical de democratização, que acabo vindo de qualquer maneira, mas que eles foram.

CELINA: Controlando até onde puderam.

FREI OSWALDO: Controlando, tentaram controlar até onde puderam. E controlaram.

CELINA: Certo.

FREI OSWALDO: Está todo mundo aí livre, agora, eu estou dizendo isso é porque, para explicar que essas duas facetas de Minas e da sua igreja também. É que de um lado um conservadorismo muito grande. Mas por outro lado, um certo ideário democrático e coisa e tal, que fazia com que houvesse uma natural repugnância.

CELINA: Sim.

FREI OSWALDO: Por parte daqueles mais esclarecidos.

CELINA: Sim. Sim.

FREI OSWALDO: Uma repugnância aos métodos ditatoriais.

CELINA: Perfeito. Desculpe, a gente ia ficar conversando até 14h00min. Eu estou preocupado com o senhor e também.

FREI OSWALDO: Eu fui um pouco, me perdi um pouco.

CELINA: Não. Não. Não. Não é verdade, eu sei que é tranquilo. E eu não gosto de intervir também muito não para deixar a coisa mais espontânea, né?! Para não ficar muito orientado, deixa eu ver se o Armando. Tem que ver onde que ele está. Vou chamar ele aqui. Não Frei, foi muito bom. Falar a verdade, não estou fazendo populismo nenhum. Foi muito bom. Deixa eu ver se o Armando está aqui. O senhor tirou aí?

FREI OSWALDO: Sim. Não sei como desliga, né?! Mas.

CELINA: Eu vou andando pra cá porque é mais fácil.

FREI OSWALDO: Eu vou dar um pulo no banheiro, se me permite.

CELINA: Pode ir lá. Eu vou chamar o motorista também. Opa.